



**RQS**  
**00158/2022**

SENADO FEDERAL  
Gabinete da Senadora Simone Tebet

## **REQUERIMENTO Nº , DE 2022**

Requeiro, nos termos do art. 50, § 2º, da Constituição Federal de 1988, e dos arts. 216 e 217 do Regimento Interno do Senado Federal, que sejam prestadas, pelo Exmo. Sr. Ministro de Estado de Minas e Energia, Bento Albuquerque, informações a respeito das ações adotadas pela pasta e, em especial, pela empresa Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS) a ela vinculada, para assegurar que os investimentos na produção de fertilizantes no Brasil não sejam descontinuados ou tenham mitigados os impactos provocados pela recente guerra deflagrada entre Rússia e Ucrânia.

O Estado de Mato Grosso do Sul possui um projeto de instalação, na cidade de Três Lagoas, da Unidade de Fertilizantes Nitrogenados III (UFN-3), iniciado durante meu mandato à frente da gestão municipal no ano de 2010. Além da doação de um terreno de 520 mil metros quadrados, o investimento está 83% concluído e o grupo russo Acron já firmou com a PETROBRAS acordo de venda para assunção do negócio, com conclusão da obra e efetivo início de produção dos fertilizantes previstos para o meio deste ano.

Com o advento da guerra entre russos e ucranianos, diversas são as sanções econômicas e os impactos sentidos mundo afora. Mas o Brasil não pode aceitar que o alto investimento já canalizado para a produção de fertilizantes nacionais seja transformado em uma estrutura fabril de



SF/22175.67382-00

“misturadora de insumos”, como noticiado recentemente por lideranças governamentais.

A decisão desvirtua a eficiência do gasto público, prejudica o agronegócio brasileiro, impacta severamente o investimento de capital e de tecnologia de ponta, bem como aumenta a dependência de importação de fertilizantes com reflexos no custo da comida que chega ao prato do povo brasileiro.

Nesses termos, solicitamos que o Exmo. Sr. Ministro de Estado de Minas e Energia, Bento Albuquerque, envie as informações relativas ao assunto, a fim de esclarecer as medidas a serem adotadas quanto à perspectiva de investimentos na produção de fertilizantes no país, em especial no que tange à continuidade da venda da UFN-3 e sua plena operacionalização.

## **JUSTIFICAÇÃO**

Em meio à recente guerra deflagrada entre Rússia e Ucrânia, o Brasil enfrenta um grande desafio no que se refere à defesa dos interesses nacionais para o fornecimento de fertilizantes. Não bastasse a crueldade da guerra, ainda precisamos gerir a catástrofe econômica que afetará toda a população do planeta.

Um dos mais severos impactos se dará na cadeia de produção alimentar, seja em decorrência do fornecimento dos suprimentos utilizados para o cultivo de alimentos no campo - nesse caso os fertilizantes, seja na limitação da logística de escoamento desses produtos também em virtude do impacto no fornecimento e da elevação dos preços do petróleo e seus derivados.



O somatório desses fatores de escassez pode nos levar a uma crise global de alimentos sem precedentes. Adicionalmente, temos a inflação que tende a corroer o poder de compra do trabalhador brasileiro, dificultando ainda mais o acesso a alimentos.

O Brasil possui, no meu Estado de Mato Grosso do Sul e, em especial na minha cidade natal de Três Lagoas, da qual fui prefeita duas vezes, uma das maiores fábricas de fertilizantes em desenvolvimento. A Unidade de Fertilizantes Nitrogenados III (UFN-3), cuja instalação teve como embrião um terreno de 520 mil metros quadrados doado pela minha gestão municipal no ano de 2010, já está com 83% do investimento concluído. A assunção do negócio ocorreu pelo grupo russo Acron, o que contribuiria enormemente para reduzir a dependência no Brasil na produção de fertilizantes agrícolas.

Em recente notícia veiculada nos grandes jornais de circulação, a Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Tereza Cristina, informou que irá alterar o perfil da UFN-3 para uma “misturadora de insumos” temporária. É inaceitável que se desvie a finalidade principal da fábrica e não produza fertilizantes conforme a expectativa do início da construção do empreendimento.

Fica o questionamento por quanto tempo o governo federal pretende autorizar o uso da fábrica de fertilizantes como mera misturadora? Precisamos ter a garantia de que a retomada do propósito inicial do negócio se concretizará. Além disso, como dimensionar o impacto que essa mudança acarretará na expectativa de geração de empregos, inicialmente prevista em cerca de 10 mil empregos diretos e indiretos?



É inegável que a UFN-3 possui uma importância estratégica para o País e precisa ser retomada independentemente de quem venha a assumir o negócio futuramente. Se não forem os russos, que a PETROBRAS envie esforços e busque novos investidores nacionais ou internacionais, mas não entregue o destino da fábrica à própria sorte, desviando a destinação inicial à revelia do interesse público.

Com a medida e o desinvestimento na conclusão da fábrica, continuaremos a ser dependentes dos fertilizantes estrangeiros e isso certamente irá impactar no custo do alimento que chega à mesa do povo brasileiro. Não podemos deixar que esse desmonte, em uma área tão estratégica para um país produtor de dimensões continentais, se concretize. A produtividade sustentável das nossas terras também está em jogo.

É preciso empenho de todos para diminuir a dependência internacional de fertilizantes. O Brasil só produz, em média, 15% das 40 milhões de toneladas de fertilizantes que consome por ano. Só a UFN-3 teria o potencial de responder por cerca da metade da demanda atual suprida por importação que, somente em 2021, alcançou US\$ 15,2 bilhões, somados os adubos e fertilizantes químicos.

Além disso, essa unidade de produção é estratégica porque a cidade de Três Lagoas se localiza a 3 km do gasoduto Brasil-Bolívia, a 1 km de uma rodovia e a 5 km de uma ferrovia. O gás é o principal insumo para a produção desse fertilizante e a região se cerca dos principais estados produtores agropecuários do país, que são, também, os principais mercados consumidores (MT, MG, GO, PR e SP).

O agronegócio brasileiro tem, literalmente, “salvado a lavoura” da nossa balança comercial, positiva em US\$ 61,2 bi em 2021,



compensando, portanto, com seus US\$ 105,1 bi, os US\$ 43,8 bi de déficit dos demais setores da economia brasileira. Um setor que merece todo tipo de zelo por parte do governo brasileiro em priorizar os investimentos internacionais e, principalmente, os nacionais. Afinal, quanto custaria terminar a obra, com recursos próprios? Mais caro que o custo da importação brasileira anual de fertilizantes?

Pelo exposto, solicito que sejam prestados os devidos esclarecimentos a respeito das medidas e decisões tomadas pelo MME e, em especial, pela PETROBRAS para que os investimentos na produção de fertilizantes sejam assegurados no Brasil e, caso as negociações com os investidores russos não sejam frutíferas, qual seria a estratégia a ser adotada pelos referidos órgãos para a manutenção dos investimentos voltados à produção de fertilizantes nacionais na UFN-3.

Sala das Sessões, 9 de março de 2022.

**Senadora Simone Tebet**  
**(MDB - MS)**

